



ARTIGO | FLUXO CONTÍNUO

<https://doi.org/10.18764/1984-6169v26e28190>

pt

História do tempo presente na narrativa contemporânea cubana: a cidade de Havana nos romances de Leonardo Padura

es

Historia del tiempo presente en la narrativa contemporánea cubana: la ciudad de La Habana en las novelas de Leonardo Padura

en

Present time history in contemporary cuban narrative: Havana in the novel's of Leonardo Padura

Isabel Ibarra Cabrera

Doutora em História pela Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Professora Titular da Coordenação do curso de História (COHIS/CCH) e Pós-graduação em História (PPGHis) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<https://orcid.org/0000-0002-2069-1502><http://lattes.cnpq.br/0765622564575420>

isabel.ibarra@ufma.br

Rickley Leandro Marques

Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Associado da Coordenação do curso de História (COHIS/CCH) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

<https://orcid.org/0009-0003-5835-0636><http://lattes.cnpq.br/8672387527648647>

rickley.marques@ufma.br

RECEBIDO | 25 nov. 2025 – APROVADO | 14 jan. 2026



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Resumo | O presente artigo pretende discutir a importância dos romances de Leonardo Padura para compreender a história do tempo presente em Cuba. Para isso, utilizamos autores que têm trabalhado com as relações entre História e Literatura e que fundamentaram a nossa pesquisa: Jablonka (2020), Ricoeur (2010), Certeau (2011), Candido (2009). De igual importância foram os debates sobre o estudo do tempo presente de Hobsbawm (2013), Koselleck (2014) e Ferreira (2002). O objetivo do artigo foi demonstrar como a narrativa de Leonardo Padura utiliza o sentimento de realidade para construir as suas personagens que falam da cidade de Havana, de sua geração e do presente de Cuba. Como resultados da pesquisa demonstramos como a fonte literária é imprescindível para o estudo do tempo presente. Também refletimos como Leonardo Padura utiliza o presente como condição de sua escrita e como as suas personagens, que pertencem à mesma geração do autor, revelam a frustração da utopia socialista que não se realizou. A desilusão é expressa no cotidiano e na relação dos protagonistas com a cidade de Havana, mostrando a decadência social e moral do presente na Ilha.

Palavras-chave: história do tempo presente; Havana; Leonardo Padura; Cuba.

Resumen | El presente artículo pretende discutir la importancia de las novelas de Leonardo Padura para comprender la historia del tiempo presente. Para eso, utilizamos autores que han trabajado con las relaciones entre Historia y Literatura y que fundamentaron nuestra investigación: Jablonka (2020), Ricoeur (2010), Certeau (2011), Candido (2009). De igual importancia fueron los debates sobre el estudio del tiempo presente de Hobsbawm (2013), Koselleck (2014) e Ferreira (2002). El objetivo de este trabajo fue demostrar como la narrativa de Leonardo Padura utiliza el sentimiento de realidad para construir sus personajes que hablan de su país, de su generación y del presente de Cuba. Como resultados de la investigación demostramos como la fuente literaria es imprescindible para el estudio del tiempo presente. También reflexionamos acerca de como Leonardo Padura utiliza el presente como condición de su escrita y como sus personajes, que pertenecen a la misma generación del autor, rebelan la frustración de la utopia socialista que no se concretizo. La desilusión es expresada en el cotidiano y en la relación de los protagonistas con la ciudad de la Habana, mostrando la decadencia social y moral del presente en la Isla.

Palabras clave: historia del tiempo presente; La Habana; Leonardo Padura; Cuba.

Abstract | This article aims to discuss the importance of Leonardo Padura's novels to understand the present time history. For this, we used authors who have worked with the relations between History and Literature and who supported our research: Jablonka (2020), Ricoeur (2010), Certeau (2011), Candido (2009). Of equal importance were the debates on the study of the present tense by Hobsbawm (2013), Koselleck (2014) and Ferreira (2002). The objective of this article was to demonstrate how Leonardo Padura's narrative uses the feeling of reality to construct his characters who speak of his country, his generation and the present of Cuba. As a result of the research, we demonstrate how the literary source is essential for the study of the present time. We also reflect on how Leonardo Padura uses the present as a condition for his writing and how his characters, who belong to the same generation as the author, reveal the frustration of the socialist utopia that was not realized. The disappointing is expressed in the daily life and in the relationship of the protagonists with the city of Havana, showing the social and moral decadence in the present of Cuba.

Keywords: present time history; Havana; Leonardo Padura; Cuba.

1 O presente como condição na obra de Padura

A ausência do estudo do presente por grande parte dos historiadores se deve a como alguns pesquisadores têm destacado a separação entre a história de cunho científico da história vinculada às belas letras (Jablonka, 2020). O resultado disso, como afirmou Marieta de Moraes Ferreira, foi que “a história recente se tornou uma história sem historiadores” (Ferreira, 2002: p.319).

Eric Hobsbawm mostrou algo que os historiadores já sabíamos “toda história é história contemporânea”. Até as pesquisas sobre o passado têm muito de nosso presente e ele deve ser desvendado. Mas o que a “cartilha dos historiadores” dizia que deveria ser evitado, de todas as maneiras, era escrever sobre o presente. Ainda assim, a partir dos anos de 1970 e 1980 alguns historiadores se aventuraram a escrever sobre o seu próprio tempo. Hobsbawm (2013) diz que a experiência de todos os que viveram no século XX é de “erro e surpresa”. Porque, como destacou,

O que aconteceu foi, quase sempre, totalmente inesperado. Todos nós nos equivocamos mais de uma vez em nossas avaliações e expectativas. Alguns se viram agradavelmente surpreendidos pelo curso dos acontecimentos, mas provavelmente foi maior o número dos que se decepcionaram, um desapontamento muitas vezes agudizado por esperança anterior, ou mesmo como em 1989, por euforia. Independentemente de nossa reação, a descoberta de que nos enganamos, de que não podemos ter entendido adequadamente, deve ser o ponto de partida de nossas reflexões sobre a história de nosso tempo (Hobsbawm, 2013, p.255).

Os romances do escritor cubano Leonardo Padura, autor profícuo em narrar o seu tempo, jornalista e escritor que “ficou” e envelheceu na ilha, aponta indícios das memórias de uma geração de “derrotados”. Uma geração que sonhou em construir a utopia socialista e no século XXI se depara com uma enorme desigualdade social, falta de liberdade e um aumento considerável da emigração. Se os historiadores ainda não se preocuparam em refletir sobre o presente, pelo menos os romances de autores cubanos no final do século XX e inícios do século XXI, convidam a trabalhar na fronteira entre a literatura e a história. E permite que busquemos compreender não só o estudo do passado senão também quanto do passado ainda habita na história de nosso próprio tempo. A escrita de Padura, quando questiona a realidade cubana, se aproxima da história. Sobre isso, Jablonka afirma que

a literatura talvez seja também a narrativa de uma busca, a angústia de um problema, a qualificação de um sofrimento, a vontade de compreender aquilo que os homens fazem na verdade. O texto literário é uma viagem ao centro da ausência, à energia graças à qual alguém busca respostas a suas questões, se esforça para dizer algo verdadeiro a respeito do mundo, se entrega a um combate contra a indiferença e o esquecimento, as crenças e a mentira, mas também contra si mesmo, o impreciso, a falta de curiosidade, o “nem é preciso dizer” (Jablonka, 2020, p. 319-320).

A narrativa literária cubana após a queda do Muro de Berlim (1989) e a desintegração da União Soviética (1991) não pode ser entendida desvinculada da realidade política e socioeconômica que atravessa a Ilha. A partir desses anos, houve uma diminuição das subvenções do comércio entre os países socialistas que repercutiu diretamente na economia, sendo esse momento conhecido, em Cuba, como “*Período Especial en Tiempos de Paz*”. Esse período começa no ano de 1991 e parece não ter fim. Já que nos últimos trinta anos, a economia cubana não conseguiu se recuperar, tampouco houve avanços no restabelecimento das relações comerciais entre Cuba e os EUA, o que trouxe enormes carestias para a população que vive na Ilha, manifestações populares dos descontentes e maior repressão por parte do governo que desencadeou como consequência um aumento da emigração. Nesse contexto de finais do século XX e inícios do século XXI, surge uma nova geração de escritores que foi caracterizada por Fornet (2001) como os “narradores del desencanto”. A política cultural dirigida pelo governo cubano foi flexibilizada a partir dos anos de 1990 e, com isso, os intelectuais tiveram autonomia para publicar as suas obras em editoriais estrangeiras e aproveitaram o momento de abertura para uma reflexão crítica sobre o passado/presente de Cuba. O Estado até então mantinha o controle de todas as publicações e editoriais no país.

As obras de Leonardo Padura, ainda que sejam obras ficcionais, mantêm uma narrativa do real, que mais parece com um testemunho, não só individual, mas de uma geração, como ele reconheceu numa de suas entrevistas: “Redescobrimos e começamos a ter uma percepção distinta. Começamos a sentir que nos haviam enganado. Junto com esse engano e com a crise econômica, minha geração descobre um grande sentimento de frustração (Lopes, 2007, p.164).

A escrita de Padura se caracteriza por ser uma narrativa que se reconhece como um espaço para falar sobre o seu país, sobre sua geração, os conflitos da sociedade contemporânea cubana e as relações entre memória e história. A sua obra, composta por mais de quinze romances e ensaios, foi escrita a partir de 1984. Mas, segundo o autor, só foi possível se dedicar à literatura quando largou o jornalismo, no ano de 1989 para ter tempo de escrever os seus primeiros romances publicados no exterior, sendo o primeiro, *Passado Perfeito* (1991); o segundo, *Ventos de Quaresma* (1994); terceiro, *Máscaras* (1997) e, por último, *Paisagem de Outono* (1998). Esses livros formam a Tetralogia das quatro estações: inverno, primavera, verão e outono.

Nesta pesquisa, utilizamos as fontes literárias, porque acreditamos que, para estudar a história do presente de Cuba, seja necessário priorizar essas fontes, que podem trazer elementos importantes para analisar a sociedade e as suas transformações ao longo do tempo. A obra literária de Padura se constitui uma fonte para a história que nos

auxilia a preencher as lacunas do presente e entender a sociedade que produziu esses romances. Podemos afirmar que a obra literária é produtora de significado e não vive fora do tempo em que é escrita. Padura se refere a isso em várias entrevistas nas quais afirma que ele fala sobre o que vive no seu cotidiano e fala desde o seu ponto de vista, desde a sua posição política, o que muitos não podem fazer. Como afirma Jablonka (2020, pp.246), “a ficção reflete a psicologia do escritor, sua cultura, suas convicções, seus combates, suas obsessões, sua posição na sociedade ou no campo literário”. Quando lemos a obra de Padura, percebemos logo o sentimento de realidade. O autor parece ser um contador de histórias ou narrador (Benjamin, 1994) da Cuba do presente.

2 O gênero neo-policial como ferramenta para fazer uma crônica do presente: as ruínas da cidade como metáfora da desilusão

A escolha do presente colocando ênfase na experiência do cotidiano será uma das características da obra de Leonardo Padura. O autor num artigo intitulado *Modernidad y Postmodernidad: la novela policial en Iberoamérica* faz uma crítica ao gênero policial feito em Cuba nas décadas de 1970 e 1980. E diz que o gênero policial na Ilha se manteve alheio às inovações realizadas por escritores americanos e iberoamericanos (Padura, 1999).

Sobre o a escrita de Leonardo Padura, Gomes de Tejada (2018) afirma que a obra deste autor cubano se define como o “neopolicial hispano-americano”, onde o escritor cria um personagem detetivesco para narrar, desde uma perspectiva crítica à realidade do país. Segundo Valle (Apub Tejada, 2018, p.312),

[...]igual que la Francia del siglo XIX está insuperablemente retratada en las novelas de Balzac, la mejor radiografía y el más exacto dibujo de la sociedad de los países hispano-americanos no se hallan en los libros de historia ni en los periódicos, sino en las novelas neopoliciales.

Em várias entrevistas analisadas neste trabalho, Padura também se refere à sua escrita com relação ao gênero neopolicial na qual está inscrita a maior parte de sua obra. “Para mim, um morto era suficiente para o romance inteiro, com isso já podia contar a história que me interessava”(Vicent, 2015). Dessa forma, Padura adentra na realidade cubana por meio de seus personagens para formular uma narrativa da desilusão com o processo revolucionário:

Por meio das vidas de Conde e de seus amigos castigados, um deles, um paralítico veterano da guerra de Angola, e seguindo o fio de alguns assassinatos que eram apenas pretextos para falar sobre a realidade mais crua e geralmente ausente dos meios de comunicação oficiais, os cubanos ficaram sabendo das misérias do mundo das drogas de Havana, da prostituição masculina e feminina que era exercida em algumas esquinas da cidade, dos meandros dos jogos de cartas, do tráfico de obras de arte e da vida dupla de alguns dirigentes comu-

nistas. Sim, a sociedade cubana foi mudando ao longo dos anos e Mario Conde com ela (Vicent, 2015).

Em todas as suas obras, Padura narra o particular, o local, a cidade ou as ruínas da cidade de Havana. O movimento narrativo analéptico que faz com que o leitor se movimente por várias décadas ou séculos anteriores é uma das marcas do autor. Outro recurso utilizado em vários de seus romances é a exploração de outros territórios, como acontece em *O homem que amava os cachorros*, *A transparência do tempo* e *Hereges*, para citar só alguns exemplos. Ainda tratando o global e criando conexões de Cuba com outros países, Padura não deixa de tocar num tema muito caro para os narradores cubanos, que é o sentido da insularidade, do isolamento, “da água por todos os lados”. Esse aspecto da insularidade foi também tratado em vários romances de escritores cubanos, por ser considerado uma condição da *cubania*. Padura se refere a que o romance cubano desde as suas origens se encarregou em definir uma imagem e espiritualidade de Havana e de Cuba, mas agora os romancistas, o autor dentre eles, vão recriar o país a partir das experiências dos anos de 1990:

Os escritores trabalham na desconstrução da cidade: as ruínas físicas e as perdas morais da urbe tiveram reflexo na arquitetura e expressão verbal na literatura [...]. E como, peso específico decisivo, sempre apareceu a condição insular: o território limitado, o senso de isolamento. Também não é estranho que tantos personagens de romances e contos cubanos procurem escapatória para além-mar (Padura, 2020, p.21).

Em *Ventos de Quaresma*, Mario Conde assim descreve a cidade de Havana:

Há dois séculos Havana é uma cidade viva, que impõe as próprias leis e escolhe adereços peculiares para marcar a sua singularidade vital. Por que me coube esta cidade, justamente esta cidade desproporcional e orgulhosa? [...] no final de tantas entregas e rejeições, minha relação com a cidade ficou marcado pelos claros-escuros [...] tudo se enegrece com o tempo, como a cidade por onde caminho, entre pórticos sujos, depósitos de lixo petrificados, paredes descascadas até o osso, bueiros transbordando como rios nascidos nos próprios infernos e sacadas desvalidas, sustentadas por muletas. No final somos parecidos, a cidade que me escolheu e eu, o escolhido: morremos um pouco, todo dia, de morte longa e prematura, feita de pequenas feridas, dores que crescem, tumores que progridem... E, embora eu queira me rebelar, esta cidade me mantém agarrado pela gola e me domina, com seus derradeiros mistérios (Padura, 2016, p. 124).

A narrativa da decadência de Havana e a relação com o seu protagonista, um derrotado que sobrevive às circunstâncias se repete em muitas de suas obras. Na tetralogia, por exemplo, os monólogos e os diálogos de Mario Conde com seus amigos estão num cenário em ruínas, onde se sobressaem os sentimentos de perda. Nesse contexto temos um policial ou ex-policial na sua vivência cotidiana e em meio à crise de valores. Sobre esse tema, o autor reconhece: “eu decidi [...] fazer um romance policial cubano que fosse muito cubano, mas que não parecesse com o que já existia.

Minha intenção era jogar, através desse gênero, um olhar diferente sobre a sociedade cubana” (Padura, 2016, p. 124).

3 A narrativa de ficção e a construção das personagens de Mario Conde e Iván Cárdenas

Paul Ricoeur, na sua obra *Tempo e Narrativa*, afirma que a narrativa de ficção imita a narrativa histórica, “a narrativa de ficção é quase histórica na medida que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é por isso que se parecem com acontecimentos passados e que a ficção se parece com a História (Ricoeur, 2010, p.325). A ficção tem mais liberdade que a História, mas como narrativa ela cria um sentido que depende do receptor para compreender uma temporalidade, um lugar, uma cultura e suas múltiplas conexões. Ainda que a literatura não tem uma preocupação direta com a verdade, ela possui elementos de realidade. Na obra de Padura, numa entrevista após ter sido questionado sobre o que pretende narrar, ele responde: “Um testemunho desde o meu ponto de vista. [...] O mesmo acontecimento podemos ver de maneiras diferentes e cada um ter a sua verdade. Mas a mentira é absoluta. E, em meus livros, você não vai encontrar nenhuma mentira sobre a realidade cubana”(Chade, 2024).

Há algum tempo vários teóricos têm discutido as relações entre História e Literatura. Em *A escrita da História*, Michel de Certeau (2011) demonstrou que a prática do historiador é uma prática da escrita. O texto historiográfico dialoga com outros textos e outras temporalidades. E, nesse aspecto, existe também uma aproximação, porque o texto literário também dialoga com outros textos e documentos históricos. A obra de “quase” ficção, “quase” memória, “quase” história de Leonardo Padura, *O homem que amava os cachorros*, se move pelo século XX e narra as derrotas, decepções e sonhos que não se restringiram a Cuba. O romance foi escrito entre os anos de 2005 a 2009. A obra consolidou Leonardo Padura como escritor, ganhador de vários prêmios. E trata de três histórias: a do escritor cubano Iván Cárdenas, que narra a sua vida em Cuba, a partir do seu presente; a do líder russo Leon Trótski, expatriado, perseguido e assassinado no México a mando de Stalin e, por último, a história do catalão Ramón Mercader, assassino de Trótski, que, após ser solto da prisão, volta à União Soviética e mora no anonimato nos últimos anos de sua vida na Cuba dos anos de 1970. *O homem que amava os cachorros* ainda sendo uma obra de ficção teve uma pesquisa histórica em arquivos e foram utilizados alguns documentos históricos, biografias e entrevistas com pessoas que conheceram tanto a Trótski como a Mercader. O contexto de uma grande parte do romance se passa em Cuba, que teve uma participação ativa num século dividido entre dois

mundos, o capitalista e o socialista, sendo que após 1959 a Ilha se aproxima da ex-União Soviética. O romance vai e volta no tempo desde a década de 1930 até o ano de 2005.

Outra das características dessa proximidade entre a narrativa de ficção com a narrativa histórica é partir do uso das personagens no romance. Nesse sentido, Antônio Candido (2009), em *A personagem do romance*, explica as diferenças e as afinidades entre o ser vivo e o de ficção e como na narrativa esses elementos são importantes para criar o sentimento de verossimilhança. Para o autor, “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (Candido, 2009, p.52). Antonio Candido conclui que o poder da convicção depende do trabalho de composição da estrutura do romance em que cada traço adquire sentido em função de outro, Daí que:

o sentimento da realidade, depende sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes funde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos (Candido, 2009, p.80).

O sentimento de realidade da obra de Padura é transmitido pela narrativa detalhada sobre o contexto, a escolha da temporalidade. O ano de 1989 foi o cenário da tetralogia, já que nesse ano “dobraram muitos sinos”(Padura, 2020). Foi o momento do julgamento, condenação e fuzilamento de vários comandantes do Exército cubano e internacionalmente foi o ano da queda do muro de Berlim. Mas o sentimento de realidade se transmite, especialmente, na construção das personagens. No ensaio *Água por todos os lados*, Padura (2020) aprofunda nas suas escolhas e revela um pouco sobre a sua escrita e a escolha de seus narradores e protagonistas, que são cubanos como o autor e falam sobre o presente e o passado de Cuba. Ivan Cárdenas é uma das personagens do romance *O Homem que amava os cachorros*, ele é um jornalista e escritor cubano que por um acaso conhece ao assassino de Trotsky numa praia de Havana, não sabia quem era essa figura estranha mas se torna o seu confidente. Sobre a personagem de Iván Cárdenas, Padura diz que desde o ponto pessoal a personagem foi construída com elementos de várias vidas reais. Ele se converteu na síntese de experiências vivenciadas por uma geração de cubanos da qual o autor faz parte (Padura, 2020, p.53).

A outra personagem que surge no primeiro romance escrito por Leonardo Padura e acompanha dez de suas obras é Mario Conde. Este protagonista vai envelhecendo ao longo dos trinta anos nos romances do autor (desde o primeiro volume da Tetralogia, *Passado Perfeito* até o seu último romance *Como poeira ao vento*). A personagem de Mario Conde é a de um cubano que nasceu nos anos de 1950, que gosta de beisebol, que queria ser escritor, mas se torna policial. Ele é uma espécie de antipolicial e ao longo da

tetralogia ele deixa a polícia, vive de pequenos serviços como investigador particular e vendedor de livros antigos, mantém uma relação de amizade com o mesmo grupo de amigos do Ensino Médio, tem uma paixão da mesma época, é alcoólatra e fumante e tem o sonho de ser escritor.

As duas personagens, a de Mario Conde e a de Iván Cárdenas, tem traços característicos, uma espécie de tipificação, onde as personagens de ficção estão carregadas de inteligibilidade. E as duas personagens mantêm uma relação estreita com o autor, como mesmo ele chegou a reconhecer, essas personagens são da minha geração:

Minha geração, como a de Iván Cárdenas, como a do Mario Conde de vários romances meus, entrou na vida adulta na década de 1970. Tínhamos nascido na década de 1950, crescido no agitado primeiro decênio revolucionário e a nós caberia abrir os olhos para a compreensão da realidade num dos momentos marcantes e dramáticos, pelo menos para nós, cubanos (Padura, 2020, p.54).

Em Paisagem de Outono (2016), no final do livro há um último capítulo intitulado “*O sopro divino: criar um personagem*”, onde Padura descreve como foi o processo de “dar vida” a Mario Conde e como a personagem vai amadurecendo ao longo dos anos, tornando mais completa a sua constituição psicológica e espiritual. O autor mostra a sua satisfação com a personagem e a identificação dos leitores com ele:

O grau mais alto dessa humanidade do ente de ficção foi, porém, sua transmutação de personagem em pessoa, pois a identificação de muitos leitores com essa figura leva-os a vê-lo como uma realidade (e não como uma emanção da realidade) com vida real, amigos reais, amores reais e futuro possível. Especialmente em Cuba, onde tenho não só os meus primeiros leitores, como também os mais fiéis e obsessivos, essa translação de Mario Conde para o plano do real concreto significou não já um reconhecimento de meu trabalho, mas uma revelação de até que ponto o olhar do personagem sobre a realidade, suas expectativas, suas dúvidas e seus desencantos em relação a uma sociedade e um tempo histórico expressam um sentimento generalizado no país ou, pelo menos, em muitas pessoas que viveram esses anos no país (Padura, 2016, p.246).

Para seus leitores, Mario Conde é uma personagem que carrega um status de realidade e que tem o compromisso de falar agora o que grande parte de sua geração não pode fazer. Balzac (apud Jablonka, 2020, p.94) defendia que o romancista adivinhava a verdade por meio de uma espécie de segunda visão, inventando o verdadeiro por analogia. Assim, a personagem se revela para o autor e também para os leitores que se identificam com ela.

Para Ricoeur, “toda História é narrativa”, já que há uma relação entre o tempo vivido e a narração. A temporalidade é reinserida na História. José Carlos Reis (2005, p.35) reconhece que para Ricoeur “o tempo torna-se mais humano quando é narrado porque é tempo reconhecido”. O romance também insere a temporalidade na narrativa. Muitas vezes, o sucesso de uma obra literária está na recepção e no reconhecimento do tempo

vivido entre o autor e o leitor. É esse um dos trunfos de Padura: os leitores se reconhecem na personagem de Mario Conde e acompanham as suas recordações, as suas desilusões, as suas peripécias e o fracasso da revolução cubana.

Quando contrastamos a obra de ficção com as entrevistas realizadas pelo autor, logo percebemos que o autor utiliza as suas personagens, especialmente Mario Conde para ser uma espécie de seu *alter ego*, por isso é comum as ideias do autor serem encontradas nos seus romances. Sobre esse tema, Padura diz que Mario Conde chegou a se transformar “senão em um alter ego, pelo menos em minha voz, meus olhos, minhas obsessões e preocupações ao longo de mais de vinte e cinco anos de convivência humana e literária” (Padura, 2020, p. 103). Tanto as personagens de Conde e Iván não conseguem abandonar o país, eles sentem a necessidade de ficar na Ilha como o autor. Numa entrevista, Padura declarou: “Sou um escritor cubano, pertenço a uma geração que viveu e sofreu muitas coisas, boas e más, e sinto um grande sentido de pertença ao meu ambiente e ao meu povo em Cuba” (Vicent, 2015, p.02). E, em outra entrevista, quando questionado sobre porque não saiu de Cuba, ele se refere ao sentimento de pertença:

Muchos escritores latino-americanos se exiliaron en el siglo XX... y otros se quedan en su país como usted... Pero la mayoría de los escritores prefiere estar en la cercanía con su lugar de origen y de cultura porque es donde tú tienes la mejor comprensión del mundo en que tu vives y de la persona que tú eres, incluso de la lengua que tú hablas El exilio siempre es dramático y para el escritor puede ser incluso castrante (Castioglioni, 2020, p.178).

O sentido de pertencimento que demarca a narrativa de Padura (2020) está expresso na insularidade e é representado pelo *Malecón Havanero* que, de forma simbólica e física, define a fronteira entre a terra e o mar. Por ali saíram milhares de pessoas em 1994, numa onda migratória que recebeu o nome dos *Balseros*. A insularidade, segundo o autor, cultiva duas manifestações: uma negativa, gerando confinamentos e outra positiva, criando um sentido de pertencimento. Este sentimento de pertencimento também é explorado no gosto de Mario Conde, e do autor pela “Pelota”, beisebol, considerado o esporte nacional de Cuba. O autor identifica que ele decidiu viver em Cuba. Pode sair, mas sempre volta e ele explica as suas escolhas por meio do jogo de beisebol:

No beisebol, ao contrário do que acontece no futebol ou no basquete, o objetivo nunca é conquistar, mas **retornar**. A jogada perfeita, *home run*, define bem o espírito da coisa. Simplificando, o rebatedor usa o seu taco para mandar a bola arremessada pelo seu adversário o mais longe que puder, depois faz carreira por três bases e, se não for interceptado no meio do caminho, volta para a sua casa, seu local de partida, pontuando. [...] tenho um sentido de pertencimento muito forte a uma cultura, a uma forma de ser, a uma maneira de se expressar. Interessa-me muito também os conflitos dos cubanos através da sua história, mas sobretudo no presente (Oliveira, 2017).

A necessidade de narrar o presente e o sentido do pertencimento a uma cultura justificam a necessidade de permanecer em Cuba. Esse sentido do pertencimento também é analisado em *A transparência do Tempo*, numa conversa entre dois amigos, Coelho e Mario Conde. O primeiro fala da situação da família: a filha foi embora e ele e a mulher também irão. E se refere à memória afetiva e ao pertencimento diferente entre as duas gerações de pais e filhos e a situação desesperadora que leva as pessoas mais velhas, de sua geração, a deixarem a Ilha:

Meu irmão, não sei o que vou fazer jovens que nos veem e chegam muito fácil à conclusão de que não querem terminar como nós, por termos feito o que acreditávamos ou que nos disseram que devíamos fazer, mas também não quero morrer na indigência, vivendo não sei como com a aposentadoria que nos espera, com uns poucos pesos que não dão nem para fazer uma refeição decente por dia. O que é foda é que também não quero morrer longe daqui, sofrendo de saudade por não estar aqui. Por que eu deveria morrer longe depois de tudo o que passamos e fizemos e de tudo o que não nos deixaram ou não pudemos fazer? Conde tinha uma resposta: teríamos que morrer aqui porque isto é o que nos pertence. Porque somos daqui. Só que, àquela altura do jogo, a quem ele poderia convencer com o argumento do pertencimento? O que era mais importante ser ou pertencer? (Padura, 2018, p.312-313).

No diálogo anterior, vemos como o narrador questiona o desejo inculcado de ficar na Ilha ao sentido do pertencimento. A desilusão se expressa quando Conde não consegue mais convencer os amigos a continuar aceitando os sacrifícios e ficar no país.

3 A geração de Padura e da sua personagem Mario Conde

Reinhart Koselleck, em *Estratos do Tempo*, explica que os tempos históricos se apoiam em limites biológicos. Sobre esse tema, o autor desenvolve a ideia de geração vinculada à noção de tempo histórico. Dessa forma,

o conjunto de experiências acumuladas e a capacidade de processar as surpresas constituem um patrimônio finito que se estende entre o nascimento e a morte de um ser humano [...]. Reside aí a determinação de cada geração, que pode ser facilmente estendida a todos os que vivem em um mesmo tempo e cujas condições sociais ou experiências políticas se assemelham (Koselleck, 2014, p.24).

O caráter geracional da memória e da narrativa de Padura foi reconhecida em várias ocasiões pelo autor e por vários de seus críticos literários. O escritor Padura escreve desde o lugar e o tempo que lhe tocou viver, como já falamos anteriormente. A literatura de Padura é escrita a partir das inquietações do presente. No romance *Hereges*, Mario Conde reflete sobre o seu passado e questiona os discursos hegemônicos a partir da situação que hoje se encontra ele e a sua geração:

O que preocupava, então? Que o país estivesse se desintegrando a olhos vistos e acelerando a sua transformação em outro país, mais parecido que nunca com

a rinha de galos com que seu avô Rufino comparar o mundo? Quanto a isso ele não podia fazer nada; pior, não lhe permitiam fazer nada. Mas se preocupava porque ele e todos os seus amigos estavam ficando velhos e continuavam sem nada, como sempre ou com menos do que tinham antes, porque haviam perdido até as ilusões, a fé, muitas esperanças prometidas, durante anos e, obviamente, a juventude? Na verdade, já estavam acostumados com essa situação, capaz de marcá-los como uma geração mais escondida do que perdida, mais silenciada do que muda (Padura, 2015, p.430).

Mario Conde busca a memória de seu avô para identificar como o país se transformou em outro país e a preocupação de eles estarem envelhecendo sem nada, nem ilusões tinham mais. Para Koselleck, toda história surge de experiências próprias ou alheias. E para ele existem três modos de aquisição da experiência no tempo: a primeira é a experiência que ocorre como surpresa; a segunda é quando a experiência se repete e a terceira é a mudança de experiência a longo prazo, que ultrapassa gerações e foge da experiência imediata.

A aquisição da experiência no tempo a encontramos no ensaio *Água por todos os lados*, especialmente, num capítulo que se intitula “*A geração que sonhou com o futuro*” na qual Padura descreve a sua geração e a utilização das personagens de ficção Mario Conde e de Ivan Cárdenas que expressam também as ideias do autor. Neste ensaio, o autor resume a experiência temporal que a sua geração vivenciou:

Minha geração, depois de tanto sacrifício, estudo, trabalho, combates [se refere à participação de Cuba nas guerras de África, inclusive, o autor foi como jornalista em Angola], obediência, experimentos e até marginalizações e negações, teve a possibilidade de sonhar com o futuro, porque o futuro era ou seria nosso, segundo nos disseram. Por isso, no despontar dos anos de 1980, para nós a imagem de um grande futuro pessoal significava ter um trabalho responsável e bem remunerado (pois o dinheiro cubano valia) [...] No entanto, coube a minha geração, aos trinta, trinta e cinco ou quarenta anos, observar a atônita a queda do Muro de Berlim[...] imediatamente, minha turma viveu a frustração de todas as possibilidades de concretizar seus sonhos afagados e discretos quando o país caiu na mais profunda crise econômica que se possa imaginar... Então, com nossos jovens filhos nas costas ou as esposas na garupa, tivemos de começar a pedalar bicicletas chinesas para chegar a qualquer lugar geográfico e garantir a sobrevivência. Pelo menos a sobrevivência. Naquele instante, o futuro deixou de ser um sonho tangível para se transformar numa nebulosa, em que todos os perfis se esfumavam, em que não se entrevia nem sequer um horizonte, uma luz (Padura, 2020, p.57- 58).

A experiência que Padura narra é a de uma geração que se depara com a surpresa (a queda do Muro de Berlim) e a partir daí durante estes últimos trinta anos as experiências compartilhadas e repetidas de uma geração que em muitas das obras de Padura são representadas por Mario Conde e seu grupo de amigos: o Magro, Dulcita, Coelho, Tamara, dentre outros.

O romance *Hereges* foi escrito por Leonardo Padura entre os anos de 2009 a 2013 e trata sobre a experiência no tempo. A obra está estruturada em três partes. São três li-

vros, o de Daniel, o de Elias e o de Judith. No livro de Daniel, temos quatro planos temporais/espaciais: no primeiro Cracóvia, 1648- Havana 1939; Havana- 1939- 1953; Havana 1958-2007 e Miami 1958-1989; no livro de Elias, Nova Jerusalém, Amsterdam -ano 5403 a 1647 e o livro de Judith- Havana- julho de 2008. Neste romance de Padura, analisado neste artigo, o autor faz uma ampla investigação histórica e, como parte do enredo, utiliza uma obra de Rembrandt, que chega a Cuba em 1939, no navio Saint Louis, que carregava 937 judeus e que foi proibido de descer em Havana. O navio volta para Europa e todos os passageiros são transportados a vários campos de concentração. Mas a pintura valiosa que foi entregue às autoridades cubanas como negociação para uma família descer do navio, coisa que não aconteceu é o fio condutor para falar sobre livre arbítrio em vários tempos e territórios. Uma grande parte do romance trata da Cuba na atualidade, o que é uma marca de todos os romances do autor. O protagonista Mario Conde é um detetive de ocasião, autônomo, mas sobrevive de fazer alguns negócios, especialmente, venda de livros antigos. Padura se aprofunda nas relações, conflitos e dilemas entre duas gerações. Por uma parte, está a geração do autor, representada pela personagem de Mario Conde, que acreditou na utopia revolucionária e, por outra, uma geração de jovens que nasceram após os anos de 1990 ou no início do século XXI e já nasceram sem acreditar em nada, representada, no romance, por Judith e alguns jovens emos que se reúnem na avenida G¹ em Havana:

O que Mario Conde podia dizer que sabia, uma coisa que antes só intuía e agora já havia comprovado de forma convincente, era que Judy e seus amigos constituíam a ponta visível e mais chamativa do iceberg de uma geração de hereges com causa. Aqueles jovens haviam nascido justamente nos dias mais duros da crise, quanto mais se falava de Opção Zero, que no auge do desastre poderia levar os cubanos a viver nos campos e montanhas, como indígenas caçadores-coletores do neolítico insular da era digital e das viagens espaciais. Esses garotos haviam nascido e crescido sem nada num país que começava a se afastar de si mesmo para se transformar em outro, no qual as velhas palavras de ordem soavam cada vez mais ocas e sem sentido, enquanto a vida cotidiana se esvaziava de promessas e se enchia de novas exigências: ter dólares [...] o desastre que esses garotos tinham sido testemunhas e vítimas geraram indivíduos decididos a se afastar de todo e qualquer compromisso e criar suas próprias comunidades, espaços reduzidos onde encontravam a si mesmos, longe, muito longe, das retóricas de triunfos, sacrifícios, recomeços programados (sempre apontando para o triunfo, sempre exigindo sacrifícios), naturalmente sem contar com eles (Padura, 2015, p.432).

Padura se propõe a explicar no romance *Hereges* o conflito geracional e a descrença da juventude numa revolução que não lhes diz nada. Para esses jovens, nada é verdadeiro. O presente está carregado de um cansaço histórico que não deixa sobreviventes. A personagem de Mario Conde, ao querer compreender a sociedade contempo-

¹ Avenida principal do bairro Vedado, em Havana, anteriormente chamada de Avenida dos Presidentes.

rânea cubana, também começa a refletir sobre o seu passado, as experiências de um presente impregnados de sentimentos de perda e a falta de esperança no futuro.

Considerações Finais

Como cronista social de seu tempo, grande parte da narrativa de Leonardo Padura trata do tempo presente, por meio das memórias de sua geração que, como ele, reconheceu em várias entrevistas que apoiou a revolução cubana. Em suas obras, os protagonistas, que pertencem à mesma geração do autor, revelam a frustração no presente com a utopia socialista que não se realizou. A desilusão é expressa no cotidiano e na relação dos protagonistas com a cidade de Havana, que refletem a decadência social e moral. A narrativa também revela os conflitos das gerações mais velhas, que cresceram com a utopia revolucionária e a geração mais nova, que nasceu no desencanto.

Ao analisarmos a obra de Padura, percebemos como o autor cada vez mais define a sua busca, as angústias de uma sociedade que não para de se transformar em algo bem diferente do que a sua geração imaginou. Daí que a sua narrativa nos possibilita compreender os dilemas do presente de Cuba. Os historiadores, no entanto, veem a história do presente como problemática, por não conseguir separá-la da política. Nos romances de Padura, a partir das diferentes personagens, podemos nos aproximar dos testemunhos de uma época. Grande parte da memória nostálgica de Conde e seus amigos são as vivências e emoções dos anos de 1970 e 1980, mas lembrados de acordo com as necessidades do presente. Assim, Padura o reconheceu numa recente entrevista: “No início não me dei conta. Mas acho que, ao longo dos anos, estive escrevendo uma crônica íntima da vida cubana contemporânea” (Chade, 2024).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Mágia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo, editorial Perspectiva, 2009.
- CASTIGLIONI, Ruben Daniel Mendez; BALLESTER, José Vicente; LOPES, Luiz Gonzaga. “Conversación con Leonardo Padura a proposito del tema de esta edición de la revista: exilios, refugio, destierro... y viajes”. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v.15, n.23, p.177-180, jan-jun.2020.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CHADE, Jamil. “O que mais falta em Cuba é esperança”, diz escritor Leonardo Padura. **Notícias Uol**, São Paulo, março de 2024. Disponível em: <https://noticiasuol.com.br/columnas/jamil-chade>.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História, Tempo Presente e História Oral”. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro de 2002.
- FORNET, Ambrosio. “La diáspora como tema”. **La jiribilla**, 12 de mayo 2005. Disponível em: http://www.lajiribilla.cu/paraimprimir/nro1/0009_imp.html.
- GOMES DE TEJADA, Jesus. El álbum familiar de Mario Conde: transnacionalismo y memoria em las cuatro estaciones de Leonardo Padura. **Revista Co-herencia**, Vol.15, No. 29, julio-diciembre de 2018, pp. 311-332.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre a História**. São Paulo, Companhia de bolso, 2013.
- JABLONKA, Ivan. **A história é uma literatura contemporânea**. Brasília, editora UnB, 2020.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo**: estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.
- MESA LAGO, Carmelo. **Economia y bienestar social en Cuba a comienzos del siglo XXI**. Madrid: editorial Colibrí, 2003.
- OLIVEIRA, Andre de. “Do beisebol à política, o detetive da alma cubana”. **El País**, 2 de setembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/01/cultura/1504293392_535816.html.
- PADURA, Leonardo. **Hereges**. São Paulo: editora Boitempo, 2015.
- PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. São Paulo: editora Boitempo, 2015.
- PADURA, Leonardo. **Máscaras**. Estações Havana. São Paulo: editora Boitempo, 2016.
- PADURA, Leonardo. **Paisagem de Outono**. Estações Havana. São Paulo: editora Boitempo, 2016.
- PADURA, Leonardo. **Passado Perfeito**. Estações Havana. São Paulo: editora Boitempo, 2016.
- PADURA, Leonardo. **Ventos de Quaresma**. Estações Havana. São Paulo: editora Boitempo, 2016.
- PADURA, Leonardo. **A transparência do tempo**. São Paulo: editora Boitempo, 2018.
- PADURA, Leonardo. **Água por todos os lados**. São Paulo: editora Boitempo, 2020.
- REIS, José Carlos. Tempo, história e compreensão narrativa em Paul Ricoeur. **Locus**, Juiz de Fora, v.12, pp.17-40, 2006.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. São Paulo: editora Martins Fontes, 2010.
- VICENT, Mauricio. Leonardo Padura: “Este prêmio é uma vitória da literatura cubana”. **El País**, 16 de junho de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/10/cultura/1433950409_767809.html.